



TRANSGÊNICOS:
FECHE A BOCA E ABRA OS OLHOS.



Esta cartilha foi produzida pelo Idec, no âmbito do projeto "Consumer Organizations and the Cartagena Protocol on Biosafety: Protecting the Consumer's Right to a Healthy Environment in the Developing World", coordenado pela Consumers International, com o apoio da Comunidade Europeia.
Parceiros: FNECDC e Por um Brasil Livre de Transgênicos

O conteúdo desta cartilha é publicado sob licença de Creative Commons, Atribuição licença 2.5. Brasil – uso não comercial. É permitido copiar, distribuir, exibir e executar a obra e criar obras derivadas, sob a condição de dar crédito ao autor original. A licença pode ser encontrada no site: <http://creativecommons.org/licenses/by/2:5/br/>



**Alimentos
geneticamente
modificados já
estão chegando
a nossas mesas.
Cuidado.**

O QUE SÃO TRANSGÊNICOS?

Só de olhar você não percebe a diferença entre um alimento transgênico e um natural. Mas eles são bem diferentes.

Transgênicos (ou organismos geneticamente modificados) são seres vivos criados em laboratório a partir de cruzamentos que jamais aconteceriam na natureza. Com essa nova tecnologia, pode-se introduzir um gene de rato, de bactéria, de vírus ou de peixe em espécies de arroz, soja, milho, trigo. Por exemplo, há soja com gene de bactérias e milho com gene de bactérias e vírus.

Muitos estudos e evidências relacionam os transgênicos a impactos em nossa saúde, no meio ambiente e na agricultura. A questão é tão grave que a Anvisa – Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Ministério da Saúde) e o Ibama – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ministério do Meio Ambiente) foram contrários à decisão da CTNBio – Comissão Técnica Nacional de Biossegurança de liberar os milhos transgênicos Liberty Link, da Bayer; MON810, da Monsanto; e Bt 11, da Syngenta. Mas o Conselho de Ministros (CNBS) desconsiderou os argumentos técnicos dos órgãos do Ministério da Saúde e do Ministério do Meio Ambiente e apoiou a liberação dos milhos.

Hoje já existem no Brasil soja e milho transgênicos autorizados para consumo. Portanto, para evitar o seu consumo, é muito importante buscar a informação no rótulo dos alimentos.

Hoje já existem no Brasil soja e milho transgênicos autorizados para consumo. Portanto, para evitar o seu consumo, é muito importante buscar a informação no rótulo dos alimentos.



A olho nu, toda soja parece igual





RISCOS PARA NOSSA SAÚDE

Levou décadas para se confirmarem as evidências de que os agrotóxicos (venenos usados nas plantas) são ruins para a saúde e o meio ambiente, estando associados ao desenvolvimento de câncer, impactos aos sistemas neurológico, reprodutivo e endócrino, entre outros males. Não precisamos esperar anos e anos até que haja unanimidade sobre os impactos dos transgênicos. Além das associações com danos que já constam de pesquisas científicas, outros tantos estudos demonstram que os transgênicos estão sendo liberados sem que sejam previamente submetidos a rigorosas avaliações de risco. Em geral, as autorizações acontecem com base nas informações e estudos conduzidos pelas próprias empresas donas das invenções e, naturalmente, interessadas em sua aprovação. Estamos sendo cobaias dessas invenções.

O QUE AS PESQUISAS CIENTÍFICAS INDICAM?

1. Aumento das alergias

Quando se insere um gene de um ser em outro, novos compostos são formados nesse novo organismo, como proteínas e aminoácidos. Se esse organismo modificado geneticamente for um alimento, seu consumo pode desencadear processos alérgicos em parcelas significativas da população, por causa dessas novas substâncias.

2. Aumento de resistência aos antibióticos

Para saber se a modificação genética deu certo, os cientistas inserem nos alimentos transgênicos genes marcadores, que podem ser genes de bactérias. O consumo desses alimentos pode conferir aos microrganismos que causam doenças nos seres humanos resistência a esses medicamentos, ou seja, reduzir ou anular a eficácia dos remédios à base de antibióticos. Por essa razão, a OMS – Organização Mundial da Saúde (Genebra) / FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (Roma), a Comissão Europeia (Bruxelas) e diversos conselhos científicos conceituados não recomendam o seu uso. Mesmo assim, existem transgênicos autorizados no Brasil contendo genes marcadores extraídos de bactérias.



Estudos são conduzidos pelas empresas donas das invenções e interessadas em sua aprovação. E nós somos apenas as cobaias.

3. Aumento das substâncias tóxicas

Muitas plantas possuem substâncias tóxicas para se defender de seus predadores, por exemplo, os insetos. As quantidades encontradas naturalmente, na maioria das vezes, não fazem mal. Micróbios também podem possuir substâncias que matam insetos. No entanto, se o gene de uma dessas plantas ou de um desses micróbios for utilizado em um alimento, é possível que o nível dessas toxinas aumente inadvertidamente e cause mal às pessoas, aos insetos benéficos e a outros animais. Isso já foi constatado com o milho transgênico Bt (*Bacillus thuringiensis*), cujo pólen pode matar lagartas de uma espécie de borboleta (a monarca) e larvas aquáticas das quais muitos peixes se alimentam.

4. Aumento de veneno nos alimentos

A maioria dos transgênicos existentes tem como característica principal ser resistente à ação de agrotóxicos, como é o caso da soja Roundup Ready da Monsanto, que não morre com a aplicação do herbicida glifosato. Não é por acaso que aumentou a quantidade de resíduos desse veneno na soja e também foi alterado seu limite máximo permitido no grão de soja. No Brasil, aumentou 50 vezes: antes, o máximo aceito era de 0,2 ppm (partes por milhão) e hoje são aceitos 10 ppm – o que é péssimo para a saúde dos consumidores.



Riscos não impedem liberação de milho transgênico





IMPACTOS NO MEIO AMBIENTE E NA AGRICULTURA

Diversos trabalhos científicos já demonstraram que o uso de transgênicos com genes de resistência aos agrotóxicos causa o desenvolvimento de maior resistência das pragas e das ervas daninhas combatidas, provocando o desequilíbrio dos ecossistemas. A utilização desses genes obriga os agricultores a aplicar veneno nas plantações mais vezes e em quantidades maiores, resultando no aumento de resíduos nos alimentos que nós comemos, nos rios e no solo, prejudicando ainda mais o equilíbrio do meio ambiente. De acordo com o Ibama/Ministério do Meio Ambiente, houve um aumento de mais de 95% no uso de glifosato no Brasil entre os anos de 2000 e 2004, enquanto a área plantada de soja aumentou 71%. Só no Rio Grande do Sul, o aumento do veneno chegou a 162% para um crescimento de apenas 38% da área de plantio. A razão do aumento do uso do veneno foi a plantação da soja transgênica. É sempre importante lembrar que a empresa que vende a semente de soja transgênica é a mesma que vende o veneno para aplicar nela.

PRECAUÇÃO É LEI

Diz o bom senso que, em caso de dúvida sobre riscos, é melhor se precaver. A lei também aplica o Princípio da Precaução. Segundo esse princípio, não é necessário existir prova absoluta de dano para prevenir: havendo risco de dano grave ou irreversível, devem ser tomadas as medidas para proteger o meio ambiente e a saúde. O Princípio da Precaução consta da Convenção da Diversidade Biológica (Rio-92) e do Protocolo de Cartagena sobre Biodiversidade. E está também em nossa Constituição Federal e na Lei de Biossegurança.



Soja e milho transgênicos são usados nas papinhas para crianças e em biscoitos, salgadinhos, óleos e enlatados. Você tem o direito de saber o que come.

O DIREITO DE SABER E ESCOLHER

No Brasil, existem alimentos transgênicos autorizados para consumo: soja e alguns tipos de milho e de algodão. Como sabemos, a soja e o milho são usados na produção de muitos alimentos, como papinhas para crianças, salgadinhos e cereais matinais, óleos, bolachas e massas, margarinas e enlatados.

Diversas pesquisas de opinião feitas no país atestam que os consumidores querem saber se o alimento é ou não transgênico: 74% da população (Ibope, 2001); 71% (Ibope, 2002); 74% (Ibope, 2003); e 70,6% (Iser, 2005). E estão certos. Esta é uma vontade legítima, que está garantida pelo Código de Defesa do Consumidor.

Também o Decreto de Rotulagem de Transgênicos (Decreto 4.680/03) exige a informação sempre que o alimento contiver mais de 1% de ingrediente transgênico. mesmo que não seja possível detectá-lo



Quem não quer saber o que come?





Manifestação para exigir respeito à lei

O direito do consumidor está ameaçado

Muitas empresas alimentícias não querem informar o consumidor se usam ou não grãos transgênicos nos alimentos que vendem. As empresas de biotecnologia, donas dos transgênicos, também são contra esse

direito do consumidor. O Ministério Público já ajuizou ações para obrigar a rotulagem de marcas de óleos de soja que omitiam a informação sobre a origem transgênica da soja.



por meio de testes de laboratório. A regra é: usou transgênico, tem que informar. E vale para todos os alimentos, sejam eles *in natura* ou processados. Mesmo os alimentos originários de animais alimentados com ração transgênica – como leite, ovos, carnes – têm que ter um rótulo para avisar o consumidor com o símbolo “T”.

A CONTAMINAÇÃO TAMBÉM PREJUDICA O CONSUMIDOR

A mistura entre grãos transgênicos e não transgênicos é um grave problema que afeta consumidores, agricultores e a agrobiodiversidade. Em 2009, aconteceu o primeiro plantio de milho transgênico e logo foi constatada a contaminação (conforme *Folha de S. Paulo*, 10/5/09, e Secretaria do Estado do Paraná, 10/8/09).

A mistura entre os grãos pode acontecer nas plantações e também nas fases posteriores até chegar aos pontos de venda – no transporte dos grãos, nos silos onde ficam armazenados e nas empresas de alimentos.



Os transgênicos não vão acabar com a fome no mundo. O que falta não é alimento – é distribuição de renda.

É essencial que o governo adote medidas legais e uma rigorosa fiscalização para garantir a separação dos grãos durante todo o trajeto do campo à mesa do consumidor. Sem isso, a contaminação de grãos acontece e os direitos de saber e escolher ficam prejudicados.

A GRANDE MENTIRA: OS TRANSGÊNICOS VÃO ACABAR COM A FOME NO MUNDO

A ideia de que os transgênicos podem ajudar a combater a fome no mundo está baseada na falsa premissa de que faltam alimentos no mundo e de que os transgênicos são mais produtivos. Mas...

1. A própria FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação reconhece que “o mundo produz alimentos suficientes para alimentar todas as pessoas que habitam o planeta – e poderia produzir até mais”. Milhões de pessoas passam fome porque não podem pagar por alimentos ou porque não têm terras onde poderiam cultivá-los. O problema não é a quantidade de produção de alimentos, mas sim a má distribuição da renda e da terra.



Muita soja transgênica e muita fome





2. Diversas pesquisas científicas conduzidas após anos de plantio de transgênicos provam que eles não são mais produtivos.

E OS ALIMENTOS IMPORTADOS E EXPORTADOS?

Um acordo internacional assinado por mais de 150 países trata da circulação, entre os países, dos organismos vivos modificados (OVMs), ou seja, dos transgênicos. É o chamado Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança da Convenção da Diversidade Biológica da ONU – Organização das Nações Unidas, do qual o Brasil também é signatário.

Esse acordo tem como objetivo proteger a diversidade biológica dos potenciais riscos resultantes do transporte, da manipulação e do uso dos transgênicos, também levando em conta seus riscos à saúde e com foco específico nos movimentos transfronteiriços (entre países).

Muitas regras ainda estão em discussão, mas é certo que o Protocolo sobre Biossegurança tem como objetivos garantir a informação nas cargas de grãos para exportação/importação; garantir a prévia autorização do país importador para a entrada do OVM, entre outras determinações; estabelecer responsabi-



A contaminação do milho já é fato

lidade e compensação em caso de danos. O acordo também obriga os governos a garantir à sociedade informação e participação no processo de tomada de decisões sobre transgênicos. Para mais informações, acesse: www.cdb.int



Sempre que possível, consuma produtos orgânicos e prefira marcas que informam ser o alimento “livre de transgênico”.

O QUE EU POSSO FAZER?

1. Atenção aos alimentos

O Idec e outras organizações que acompanham este assunto no Brasil e no mundo recomendam o consumo, sempre que possível, de alimentos orgânicos, que são livres de agrotóxicos e transgênicos.

Outra dica é procurar nos supermercados marcas que informam no rótulo do produto “livre de transgênico” ou “alimento não transgênico”.

Ligue para o 0800 e mande carta para os fabricantes dos alimentos que você e sua família consomem e pergunte se usam ou não ingredientes transgênicos. Peça que enviem a você os certificados de origem dos grãos que utilizam na produção dos alimentos.

2. De olho na CTNBio

A CTNBio – Comissão

Técnica Nacional de Biossegurança é o órgão encarregado de avaliar e decidir sobre as liberações experimentais e comerciais de transgênicos no Brasil. O Idec e muitas outras organizações têm sérias críticas ao trabalho da CTNBio, porque a Comissão não avalia adequadamente os riscos dos transgênicos e mesmo assim já liberou vários. Acesse www.ctnbio.gov.br





QUANTO MAIS GENTE SOUBER, MELHOR

Divulgue estas informações para seus familiares e amigos e peça que participem também de mais esta luta pelos nossos direitos de consumidor!

PARA SABER MAIS SOBRE O ASSUNTO:

- Leia e/ou assista ao documentário de Marie-Monique Roubin, *O mundo segundo a Monsanto*
- Receba gratuitamente o boletim semanal da campanha "Por um Brasil livre de transgênicos", solicitando-o pelo e-mail: livredetransgenicos@aspta.org.br
- Acesse os sites:
www.idec.org.br
www.aspta.org.br
www.greenpeace.org.br
www.terradedireitos.org.br

Realização



Apoio

